

RESENHA DO LIVRO A COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO, DE JESÚS MARTÍN-BARBERO

Sannya Fernanda Nunes Rodrigues

MARTÍN-BARBERO, J. **A Comunicação na Educação**. São Paulo: Contexto, 2014. 155 p.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Tecnologia. Cultura. Poder. Formação.

Neste livro observamos uma predominância de questões, em que sobressaem o papel da comunicação, do mercado nos últimos 13 anos e a necessidade de um novo tipo de formação. Em todo o livro, Martín-Barbero vai situando o contexto em que o desenvolvimento tecnológico-midiático se insere e os reflexos de uma nova cidadania. Neste contexto, ele destaca o novo homem marcado pela influência, usos e necessidades criadas ou proporcionadas pelas mídias digitais.

Ainda sobre o contexto situa a emergência de novos públicos e de cidadanias, num período de contradições e rupturas, incertezas e da crise da leitura, tão importantes para uma cidadania fundante e fundamental para os novos tempos.

Ao falar de novos públicos, situa a tecnologia e a comunicação com a convergência de novos públicos, quando as classes historicamente excluídas começam a ter acesso a espaços de publicação e expressão de sua cultura.

Destaca o papel da aprendizagem, da formação, da educação, do uso das tecnologias na sala de aula, muitas vezes expresso no seu discurso reflexivo, recorrendo, inclusive, ao aporte teórico de Paulo Freire e sua defesa por uma alfabetização apoiada na cultura ou naquilo que Martín-Barbero chama de alfabetizar em comunicação. Para isso, vai situando o papel e o lugar da comunicação e da educação. Critica muito a educação que ainda faz uso de um modelo escolar ultrapassado, que não acompanha as mudanças estruturais marcadas por uma sociedade do midiático, que tem a seu favor inúmeras possibilidades para a educação e aprendizagem. Sugere que a educação se aproprie de métodos e processos que ponham em prática o uso das tecnologias (inclui a televisão, o rádio, a internet e suas mídias digitais) para que passe de “uma sociedade com sistema educativo para uma sociedade educativa” (p.10), mais de acordo com uma Sociedade Aprendente, que se repensa e pensa todos os seus processos, seus conflitos e emerge na resolução deles.

Com relação ao papel da comunicação, ele a situa como uma área mais que temática, mas articuladora e estratégica, decisiva, pelas inovações na infraestrutura tecnológica global. Mas também insere o termo incomunicação, no período em que se instalam uma dependência cultural e uma cultura do silêncio, refletidas na conformação do pensamento e comportamento dos latino-americanos, reforçados pela cultura, religião, educação e os meios de comunicação, que controlam de forma sutil pela palavra. Ao massificar os meios e a cultura, mais uma vez se silencia a história, as diversidades linguísticas dos povos. Uma multialfabetização ou uma verdadeira literacia digital proporcionaria uma crítica codificação dos signos na convergência para uma cultura do digital. Ou um verdadeiro diálogo com a linguagem, como um lugar de encontro entre mundos, de mediação e onde a palavra seja voz do próprio eu, de suas experiências, repleta de símbolos, que refletem o social. No

diálogo, na palavra possibilitada por uma formação que contemple várias culturas, está a potência da linguagem.

Sobre a educação, situa o paradigma da aprendizagem ao longo da vida como marco história e estrutural, que define a predominância de novas formas de aprender, ensinar, educar, sustentados num ideário de educação, que contempla educações ou múltiplas formas de aprendizagem, oportunizadas em vários lugares, ocasiões e pessoas, em contextos formais, informais ou não formais de ensino.

No tratamento da educação, ele situa a escola pública que se resume a ser um braço do estado e gestora de conflitos sociais, que atende a classe dos fardos. Ele questiona justamente o papel da escola na sociedade informacional e o papel estratégico que ela ocupa na América Latina, desde a educação infantil até a educação nas universidades, considerando a importância em relação às outras nações. Embora as reformas, a escola persiste com um discurso esvaziado e distanciado da vida real e defendendo a adaptação, com processos e práticas de leitura-escrita fora da escola e associadas ao desenvolvimento social e cidadão.

A educação continua esquecendo, portanto, da complexidade do mundo juvenil, deixada de fora na forma de ensinar dentro dos muros dos espaços educativos formais (creches, escolas, universidades etc.), sem fazer uso dos apelos tecnológicos que permeiam a vida dos jovens. Também não leva em conta que precisa ajudar a educar o olhar para os aparatos tecnológicos que invadem a vida de todos, especialmente dos jovens, impactados pelas necessidades e comportamentos despertados na contingência do uso de certos artefatos.

Em sua fala, ele reafirma que o compromisso da escola passa por entender sua missão estratégica e formadora, o que inclui a cultura, desnudando e ao mesmo tempo, incorporando os *novos campos de experiência* que surgem “da reorganização de saberes,

dos fluxos de informação e das redes de intercâmbio criativo e lúdico; pela hibridização da ciência e da arte, do trabalho e do ócio” (p.53), assim como *os novos modos de representação e ação cidadãos*, articuladores do local com o mundial.

Entender este momento e se reorganizar, eleger novos currículos e novas práticas mais atualizadas, assim como se rever não como único local de aprendizagem ou local legitimizador de saberes, são outros e primeiros desafios postos para a escola.

A escola, assim, defendida neste livro é vista como um ecossistema comunicativo e que, por isso, deve entender (e desvelar) a sociedade, seus modelos, suas interações, linguagens, escritas, representações e narrativas, aspectos que afetam todas as demais relações, como o lazer e o trabalho, o público e o privado, a vida cotidiana, saberes e rotinas.

Para Martín-Barbero, alfabetização é um processo que se divide em etapas: a primeira alfabetização é a que prepara para o mundo da escrita fonética e que, para ele, abre as portas para a segunda alfabetização, a que permite uma literacia ou capacidade de multiletramento (ler e entender vários tipos de textos). Esta segunda alfabetização é importantíssima no desenvolvimento de uma cidadania plena, aquela que nos permite transitar pelos meandros da vida moderna e compreender criticamente cada processo, principalmente aqueles que afetam as nossas vidas. Ler livros, notícias em jornais ou na televisão, hipertextos, ver vídeos, jogar *videogames*, exercer cidadania digital exige um grande sentido social e a compreensão de democracia, tão cara nos dias atuais. Esse é um dos grandes desafios postos para a educação: formar o homem para desenvolver tal literacia.

Por isso, o papel da alfabetização está permeado de uma politização ao ajudar o homem a se situar dentro de sua cultura e a poder dizer a sua palavra, a viverem seus sonhos. Ao terem uma formação plena, as pessoas poderão fazer uso de uma vida com

mais sentido, com protagonismo e autonomia, assumindo-se como sujeitos e autores.

Na pedagogia que defende, uma pedagogia permeada de símbolos e da cultura, a pessoa que, ao se assumir e ao assumir seu mundo, conseguirá transformar a sua realidade. Daí que se preocupa fortemente com os jovens da nova geração que parecem nascer em um mundo novo, sem passado ainda. Portanto, registra a importância que a escola tem em formar num movimento de cidadãos e comunidades virtuais, repletos de símbolos, de falas, de escritura, de sentidos.

Com relação ao papel das tecnologias, ele vê imensas oportunidades, como a linguagem comum, que quebra o dualismo refletido na sociedade hegemônica; o uso que a sociedade dá a inovação. Questiona o papel decorador das tecnologias na sala de aula e o seu maior mérito, que seria a transformação radical de processos e métodos ultrapassados, da mentalidade que ronda a escola e que põe de fora a cultura, escondida numa linguagem única e nacional.

Ao inserir as tecnologias, dá destaque à televisão e sua função junto dos pobres, oferecendo-lhes entretenimento, movimento, servindo-os grandemente de uma incultura, servindo de material para os críticos e intelectuais e sendo assim desprezada também pela escola. Ele propõe a desconstrução da forma como se vê a televisão, mesmo sendo ela um aparelho do estado e/ou de grupos hegemônicos, fazendo manipulação do poder e deformação de gostos populares. E encarrega a escola e a educação desse papel numa alfabetização para as mídias, proporcionando um olhar crítico sobre o que é veiculado este meio, uma vez que está num lugar estratégico na cultura cotidiana de milhares de pessoas, como mediadora histórica das narrativas oficiais e populares. Cabe, assim, à escola promover a sensibilidade no “modo de perceber o espaço e o tempo e de construir imaginários e identidades” (p.49).

Como uso da Tv, ele propõe uma tv pública, gerida pela sociedade civil, e não do governo, e que se sirva do espaço para explicar e transformar.

À educação mais uma vez cabe incorporar novas tecnologias de comunicação e informação, desde que assumam o comportamento de tecnologias intelectuais e estratégias de conhecimento, que incluam a cultura, justamente para que as dimensões e os efeitos culturais sejam pensados e assumidos. Para isso, deve adotar como objeto de estudos relatos aspectos característicos da vida cotidiana das maiorias. Com esta postura, permitiria à população historicamente excluída, diante de novos processos, práticas, metodologias, poder transformar informação em conhecimento, desvendado o que aí está nas narrativas oficiais, levando esta geração e nossos países para a Era do Conhecimento e da Aprendizagem.

Ler, em seu discurso, tem um papel central, constituída de criatividade e prazer, ao gosto de descobrir e de escrever, numa era que os jovens não gostam de ler e a culpa é dada à tv e às mídias digitais, que oferecem uma incultura audiovisual. Por isso, sua defesa por uma ampla mudança cultura em torno da educação, do uso das tecnologias e que estes proporcionem novo contextos de aprendizagem.

Outra defesa que faz é com relação ao livro que deve ser visto como meio de comunicação, entendido na modalidade de suas escrituras e formas de relação e usos sociais e, por isso, ser desvelado e desconstruído como instrumento de poder. Também relata que o desinteresse dos jovens pelos livros se dá também pelas mudanças na forma de ler e na forma da apresentação das informações, num contexto de heterogeneidade de textos e escrituras. Como ele bem destaca na página 64, não se lê nem se escreve como antes. Como achar, então, que os jovens assumam os velhos comportamentos em relação à leitura? E situa: estamos na *Nova Era do Sensível*, um

novo momento em que pensar e sentir assumem novos formatos e nuances.

A escola, diante destas mudanças, vive um conflito em relação à cultura do audiovisual e desconhecendo (ou ignorando) as potencialidades destes meios, congrega-lhes apenas efeitos morais, muitas vezes chegando a proibir o uso, como é caso do celular em sala de aula, como inimigo da atenção em relação ao professor e sua aula. Na verdade, aqui está a eterna luta pelo controle, ameaçado pelos meios audiovisuais, por natureza sociais. De um lado vemos um paradigma, que centra o professor e o livro como elaboradores e transmissores de valores, sustentado na cultura letrada e de outro, estão os meios que desmontam este estilo de ensinar e configuram uma nova relação com os saberes, uma nova forma modernizada e instrumentada de lidar com as informações e transformá-las em conhecimento.

Rapidamente, ele situa os Ministérios de Educação e Cultura, na Colômbia, que atuam separados e de certo modo afastados de suas missões primeiras, que é o desenvolvimento de programas e/ou atividades mais ligadas ao desenvolvimento de sensibilidades e identidades, que incluam a maioria. Desta forma, ele configura que os ministérios perdem quando jogam fora sua viabilidade social, produtiva, política e cultural.

Todas estas questões se articulam com a discussão de cultura e poder, primeiro, no país do autor, Colômbia, e depois feita uma leitura que se aproxima do que se passa por toda a América Latina. A cultura aqui é discutida na posição em que a educação e a comunicação ainda assumem o papel de transmissoras de heranças culturais de grupos, principalmente considerando-se que são países neocolonialistas, e não como possibilitadoras de diálogos entre culturas e formadoras de cidadãos.

Ao situar uma nova cidadania, a cidadania que emerge de um novo tempo e de inúmeras oportunidades. O desafio da nova cidadania é uma nova reeducação em humanidade.

Relaciona comunicação e cultura, ao enfatizar que se deve pensar a comunicação a partir da cultura e o lugar de quem fala, interesses, estruturas, os sujeitos, a ação, a mediação.

O discurso que atravessa o livro é, portanto, um discurso político, desvelador, esclarecedor, completamente permeado de uma inclusão dos ideários da América Latina na luta contra o poder hegemônico de classes, grupos e empresas. Sendo assim, relaciona educação, comunicação, linguagem, cultura e poder. Aprecia, assim, as ideias que marcaram o final dos anos 70, os anos 80 e 90 do trabalho de Paulo Freire e seu aporte inovador, muitas vezes invocado para situar sua fala contra uma formação a favor simplesmente do atendimento do mercado em formação de obra-prima, de uma alfabetização esvaziada de sentido e distanciada da cultura dos aprendizes. Destaca no repertório de Freire a gestação da palavra geradora no processo de comunicação e o projeto educativo que discute práticas e processos comunicativos.

Para Martín-Barbero, as possibilidades estão numa educação na comunicação e no que ele chama de reconfiguração acelerada da comunicação que propõe inúmeros desafios à educação, pelos saberes e narrativas emergentes que veicula. A cultura assume um papel de envergadura cultural das mutações que atravessa a sociedade. Os processos e as práticas de leitura-escrita fora da escola e associadas ao desenvolvimento social e cidadão são, a seu ver, as possibilidades de inserção dos aprendizes no mundo da criatividade, da atividade profissional e da participação política.

MINICURRÍCULO DA AUTORA

Pedagoga e Especialista em Coordenação Pedagógica (UFMA). Mestra e Doutora em Multimédia em Educação (Universidade de Aveiro – Portugal). Pós-doutoranda em Interdisciplinaridade pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (UFMA). Atua com Aprendizagem, Formação, Currículo, Política e Avaliação no Ensino Presencial e na EaD.